

Por Thais Santi  
Especial para *O Papel*

CAROL CARQUEIRO

“O setor tem uma agenda altamente ambiciosa em novas tecnologias, que vão entrar não só na transgenia, mas na biotecnologia – um guarda-chuva de oportunidades”

## A FORÇA DO SETOR DE ÁRVORES PLANTADAS SOB A GESTÃO DA IBÁ

A grandeza do setor brasileiro de árvores plantadas para fins industriais já ultrapassou as fronteiras do País. Parte desse legado é fruto do trabalho da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), que vem com a missão de projetar internacionalmente a relevância desse segmento. Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da associação, presidiu nos últimos dois anos o Conselho Internacional de Associações de Florestas e Papel (ICFPA, sigla em inglês para *International Council of Forest & Paper Associations*) e, recentemente, assumiu o comando da Comissão de Energia e Meio Ambiente da Câmara Internacional de Comércio (ICC Brasil).

Lançada em abril de 2014, a Ibá representa as 55 empresas e nove entidades estaduais de produtos originários do cultivo de árvores plantadas, que, juntas, representam 6,2% do PIB industrial brasileiro, com R\$ 71,1 bilhões. Após três anos na presidência da entidade, Elizabeth traz, nesta entrevista exclusiva à revista *O Papel*, um balanço do desenvolvimento da indústria de base florestal no Brasil. Ela comenta os trabalhos realizados pela Ibá para dar continuidade ao crescimento do setor, que considera peça fundamental para o novo cenário da economia mundial que se desenha e estratégico para a manutenção da competitividade brasileira.

A consolidação desse cenário, entretanto, depende da adoção de algumas medidas estratégicas. Entre as principais ações está a desoneração tributária de investimentos, a resolução dos principais entraves de infraestrutura e logística, a reforma trabalhista e a desburocratização de processos (como o do licenciamento ambiental), entre outros. “Com uma área de 7,84 milhões de hectares de reflorestamento, o setor brasileiro de árvores plantadas é responsável por mais de 90% de toda a madeira produzida para fins industriais, um dos segmentos com maior potencial de contribuição para a construção de uma economia verde”, destaca Elizabeth.

**Veja mais detalhes na entrevista a seguir:**

**O Papel** – Após dois anos à frente do ICFPA, que reúne representantes de 30 associações de papel e celulose de todo o mundo, qual seu balanço sobre a gestão que pode ser aplicada na Ibá?

**Elizabeth de Carvalhaes** – O ICFPA é um conselho de associações de base florestal dos produtores de celulose, papel e madeira que existe há 15 anos e busca levar para a sociedade as discussões a respeito de políticas públicas que incentivem a fabricação de produtos sustentáveis de origem florestal.

Nossa participação no ICFPA teve início quando de sua criação, nos tempos de Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), com meu antecessor, um dos fundadores do Conselho. Em 2008, começamos a fazer parte do Steering Committee – reunião dos oito países que comandam a estratégia global dentro do ICFPA. Desde que assumi a Ibá, dei sequência ao trabalho e sempre busquei abertura da agenda com inclusão do tema de florestas plantadas nas negociações.

Nossa tarefa passa por esclarecer como é o manejo florestal, como funciona a criação dos mosaicos entre florestas plantadas e naturais, as boas práticas tanto do manejo quanto desta indústria e outros temas. Por meio de fóruns, o ICFPA busca tratar de todas as florestas e de seus produtos – celulose, papel e outros materiais com madeira –, defendendo todos os tipos florestais para seus respectivos usos, incluindo naturais, seminaturais, plantadas e florestas para fins de restauração.

Há dois anos e meio, a Ibá assumiu a presidência do ICFPA. Abrimos neste conselho o diálogo sobre a biotecnologia arbórea, seus usos, aplicabilidade, transferência de tecnologia e biossegurança. Este debate passou a ser liderado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), sigla em inglês para *Food and Agriculture Organization*, que, atualmente, conduz diversos eventos regionais para discutir o assunto globalmente. O evento no Brasil acontecerá no primeiro semestre de 2018.

Promovemos conceitos e informações a diferentes atores, para que a indústria global de base florestal se apresente com uma agenda completa, conhecimento e compreensão de todos os desafios, diferenças e virtudes de cada local. No ICFPA, demos fundamento para as discussões relativas aos órgãos locais e regionais, de poderem realizar uma

avaliação mais profunda da utilização de tecnologias e dos potenciais riscos envolvidos e decidir sobre o tema. Um exemplo é a discussão do uso de defensivos, debatida amplamente com os órgãos certificadores e as agências reguladoras. Uma maneira responsável de proteger as florestas contra pragas e doenças e garantir sua produtividade é por meio do Manejo Integrado de Pragas (MIP), sendo o controle químico considerado como última opção para esse recurso.

Tratamos também do desmatamento líquido zero em conjunto com vários outros órgãos, incluindo um importante documento desenvolvido pela FAO. Já sabemos que serão necessários 250 milhões de hectares adicionais de florestas plantadas no mundo, mas como criar o melhor conceito? Sabe-se que no Brasil existem milhões de hectares de áreas degradadas e a expansão pode se dar nessas áreas, sem a necessidade de converter nenhum hectare adicional de ecossistemas naturais.

Além disso, durante a presidência do ICFPA criamos um Grupo de Trabalho (GT) de certificação, liderando o processo de discussão sobre os dois sistemas existentes – o Forest Stewardship Council (FSC) e o Programme for the Endorsement of Forest Certification (PEFC), fazendo com que a organização se tornasse membro, tendo, assim, maior atuação nos dois sistemas. Considerando-se que quanto mais se fala em clima, mais a certificação se torna uma ferramenta de credibilidade para a valorização do carbono e de novos ativos verdes (*Green Bonds*), este engajamento com os sistemas de certificação torna-se crucial para demonstrar o papel dos produtos certificados com um valor agregado para a mitigação das mudanças climáticas.

Outro passo importante foi a globalização da mensagem, bem como o aprimoramento da comunicação do ICFPA, com o início do trabalho nas redes sociais, no intuito de democratizar as informações da indústria e seu lado moderno, competitivo e sustentável.

Deixamos no ICFPA um caminho bem pavimentado, com uma agenda atenta a tais questões. Isso é uma via de duas mãos, e o Hemisfério Norte, por exemplo, precisa apoiar totalmente as novas tecnologias, a intensificação sustentável e a economia de baixo carbono. Não esqueçamos, contudo, que o Brasil é o país mais bem-sucedido em produção florestal e pode ser um grande colaborador em diversas inovações.

Com a Conferência do Clima, debate global de importante relevân-



Reunião Anual do ICFPA em Washington (Estados Unidos) com a participação dos representantes de associações de base florestal e de produtos de madeira



Em abril deste ano, a Ibá foi nomeada vencedora do Prêmio Fundacom, que reconhece os principais projetos de comunicação nos idiomas português e espanhol no mundo todo, na categoria Infografia e Apresentação Visual de Dados”, com o infográfico “As Árvores Plantadas e seus Múltiplos Usos”

cia, o uso da madeira também entrou no centro das discussões como uma das principais alternativas para substituição de fontes não renováveis. Há hoje um entendimento bastante claro de que as novas tecnologias são fundamentais para se chegar aos múltiplos usos da madeira – e esse desafio é planetário: como sair de mercados de elevado impacto ambiental para o uso de produtos de baixo carbono.

Enfim, este é o mais importante fórum das indústrias de base florestal, que se vê obrigado ao foco nesses temas, pois existem políticas públicas e mecanismos financeiros que precisam ser negociados no mundo inteiro para atingir as metas atuais do clima.

**O Papel – Em abril, a Ibá celebrou três anos de fundação. Quais as principais conquistas para o setor de base florestal a partir da atuação da entidade e quais seus desafios futuros?**

**Elizabeth** – A Ibá surgiu com a proposta de unificação da base florestal em um momento em que tínhamos várias políticas públicas em votação, como o Código Florestal. Éramos quatro associações plantando as mesmas espécies de árvores – pinus, eucalipto, teca e paricá, entre outras – e certificando da mesma maneira, mas os produtos finais são diferentes (celulose, papel, piso laminado, painel de madeira e carvão vegetal). Ao mesmo tempo, a Conferência do Clima ganhava mais importância, e a madeira seria um dos elementos fundamentais dentro desse tema – ou, pelo menos, queríamos que fosse. Entendíamos que a razão n.º 1 para tal junção estava concentrada no relacionamento com o governo brasileiro – a mais forte motivação que nos uniu, pois, com esse arcabouço de agenda (a busca de um ideal entre preservação, conservação e produção, tendo a floresta plantada como ponto chave), os interesses estariam muito bem equilibrados.

Todo o processo de negociação levou quase três anos: a avaliação de interesses, agenda e equilíbrio interno de cada um dos setores foi bastante complexa e feita entre os acionistas. Nascemos assim e nos apresentamos ao governo. Tínhamos a convicção de que se tratava de algo importante, mas foi na prática que conseguimos realmente perceber a grandiosidade e o valor do passo que demos. Uma voz uníssona deu mais capacidade negociadora. Para o governo, trouxe um entendimento mais claro das propostas, das ambições e das dificuldades do setor. Da mesma forma, as respostas também têm sido mais claras e ágeis para nossa demanda.

Na área internacional, este movimento foi ainda mais fundamental. Temos sido um modelo para várias outras associações no mundo, com intensa participação na agenda global. A Ibá é hoje, dentro desta atividade, a mais completa associação do setor de base florestal, reunindo o processo da floresta até o consumidor final no varejo.

O setor tem uma agenda altamente ambiciosa em novas tecnologias, que vão entrar não só na transgenia, mas na biotecnologia – um guarda-chuva de oportunidades. Nossas associadas já têm estudos em nanotecnologia chegando aos nanocristais e os mais variados caminhos adicionais para o mercado mundial, vislumbrando uma economia de médio e de longo prazo que migrará para uma indústria de baixo carbono, com os múltiplos usos da madeira.

Somos os melhores do mundo em produção florestal. Na primeira posição mundial, temos de ser vanguardistas para imaginar o consumidor daqui a 30 anos. É para isso que a indústria está quebrando barreiras e, seguindo esse mesmo preceito com o olhar no futuro, a criação da associação é um movimento genial. Trouxemos para o mesmo teto todo o capital, toda a estratégia e toda uma discussão bastante avançada sobre quais espaços a indústria pode ocupar e o que está no *pipeline*.

Acompanhamos e atuamos de perto os principais mercados de interesse do setor. A Índia, por exemplo, é o próximo grande mercado que começará a incluir socialmente as pessoas e entrará em rigorosos preceitos de fornecimento. Há apenas oito anos, a China comprava 16% da nossa exportação de celulose; hoje, representa 48% do total. No próximo ano, o aumento da participação deve continuar, pois a inclusão social chinesa, demonstrada em produtos de necessidade básica, como *tissue*, tem crescido ano após ano. Como não são autosuficientes em celulose e precisam adotar processos de menor impacto ambiental, a China está migrando seu portfólio de fornecedores e incrementando cada vez o eucalipto brasileiro.

Quando entramos no mercado doméstico, temos as mesmas dificuldades que atravessam todas as indústrias, de maneira geral.

A retomada da economia passa por grandes propostas, como a da Previdência e ajustes fiscais. Outras centenas de ações – menores, mas também muito relevantes –, já em curso avançado, poderiam surtir um efeito positivo e imediato nas contas públicas. Uma delas refere-se ao papel imune, que ainda depende da regulamentação de alguns Estados. Esta é uma agenda contínua. A associação segue atuando com os órgãos responsáveis para intensificar o combate às fraudes fiscais e à concorrência desleal, minimizando o prejuízo aos cofres públicos e ao empresário idôneo. É fundamental, porém, intensificar a fiscalização para combater a irregularidade e fazer com que o Sistema de Registro e Controle das Operações com o Papel Imune (Recopi) Nacional – Convênio ICMS n.º 48/2013 – se transforme de fato em sistema de alcance nacional, com a adesão e a regulamentação dos Estados que ainda não finalizaram o processo.

Também é uma ilusão entrar no mercado internacional. Enquanto o custo dos tributos for elevado, não vejo viabilidade de abertura desse mercado de papéis. Nosso custo tributário é infinitamente maior que os dos países do Hemisfério Norte, por exemplo. Esse olhar não está exclusivamente no mercado interno, mas no desejo de abertura da economia brasileira como um todo. Uma estrutura fiscal mais simples, com impostos alinhados ao mercado internacional, ativaria mais o consumo interno, pois se tornaria compatível com as outras economias.

Enquanto isso, precisamos ter novas ideias que ajudem o governo a realizar esse controle com inúmeras medidas, como tem sido feito com o Recopi Nacional, a embalagem especial para o papel imune e, paralelamente, o ilícito fiscal.

Contamos com bastante colaboração do governo do Estado de São Paulo e da Receita Federal, o que deve intensificar-se imensamente. Acontece, entretanto, que o País é grande, de modo que a tarefa necessita investimento de capital intelectual junto ao governo e muita eficácia na comunicação.

**O Papel – Diante desses desafios, o que se pode acrescentar com relação aos principais gargalos de infraestrutura e logística para exportações?**

**Elizabeth** – Realizamos estudos de infraestrutura e advogamos medidas importantes no governo para as malhas rodoviária e ferroviária, bem como no transporte marítimo. Da região central do Brasil até o porto mais próximo para exportação, por exemplo, a celulose percorre aproximadamente mil quilômetros em uma infraestrutura precária, tendo a competitividade impactada de várias maneiras. Isso precisa ser revisto. Vale destacar que quase 50% da balança comercial provem do agronegócio, que não tem meios de transporte eficazes.

**O Papel – A Ibá atua com autoridades e órgãos governamentais. Em sua opinião, o que se alterou para o setor de base florestal com a mudança da submissão do Ministério do Meio Ambiente (MMA) para passar a responder ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa)?**

**Elizabeth** – O setor sempre atuou nas duas esferas. Do ponto de vista regulatório, essa transição dá visibilidade clara à nossa produção. Somos uma agroindústria; plantamos para trazer produtos de origem madeireira e de baixo carbono para os mercados doméstico e internacional. A estrutura, por determinação de nossos acionistas, pretende ser a mais sustentável do mundo.

Hoje, as empresas atuam muito além do compromisso com as legislações que regem o uso da terra, como o Código Florestal Brasileiro e o Licenciamento Ambiental. São quase 6 milhões de hectares destinados a conservação, somando-se as áreas de restauração, Áreas de Preservação Permanente (APPs), de Reserva Legal (RL) e de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), que contribuem diretamente para a conservação da biodiversidade – ou seja, essa indústria sempre terá um viés ambientalista extremamente forte, e isso é importantíssimo. Não somos menos na área ambiental porque passamos a submeter ao Ministério da Agricultura.

No Mapa temos o viés da produção e, nesse sentido, podemos afirmar que o próprio ministério acabou ganhando com um dos setores mais sustentáveis do planeta, podendo exibi-lo em seu portfólio. Estou segura de que isso é reconhecido. Dentro desse ambiente, somos um exemplo, pois nos encontramos nos mais altos níveis de sustentabilidade, inclusão social, manejo correto, produto acabado, além de ser reciclável e renovável em toda a sua cadeia.

**O Papel – Como a senhora vê a aprovação da reforma trabalhista para a indústria de base florestal?**

**Elizabeth** – A terceirização e a reforma trabalhista foram os mais importantes avanços nos últimos anos para modernizar a relação capital-trabalho. Se olharmos para esses três últimos anos de crise, temos empresas em situações difíceis e a negociação trabalhista com reajustes de 9% andando em sentidos completamente opostos, ou seja, a política trabalhista é geradora de desemprego.

A avaliação do custo trabalhista de uma produção é um dos maiores para a indústria. Estamos satisfeitos com a reforma trabalhista proposta, porém acreditamos que os efeitos virão com o encaminhamento de reformas estruturais necessárias, políticas que sejam de longo prazo e deem segurança jurídica ao investidor. Isso é muito importante para interromper o ciclo de políticas minimalistas de validade curta.

A atual reforma trabalhista nos permitirá entrar em novos modelos econômicos de estratégia industrial, que possibilitará a abertura de novos mercados. Ainda não somos um exportador clássico; temos poucos acordos internacionais comparativamente à América Latina. O México e o Chile, por exemplo, são países que mantêm acordos com todas as economias do mundo.

Ressalta-se que, hoje, o Brasil já intensifica alguns acordos, como as negociações entre o Mercosul e a União Europeia (UE), o Mercosul e a Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA, na sigla em inglês), além de países como a Coreia do Sul, o Japão e o México.

**O Papel – Diante de todos os pontos colocados, quais são as perspectivas para o setor de base florestal para este e os próximos anos?**

**Elizabeth** – Para essa indústria, ser o primeiro também significa

manter-se em primeiro lugar. Para isso, é preciso capacitar e investir imensamente em inovação e produtividade, descobrir o que mais pode ser gerado e como podemos entregar a melhor madeira do mundo aos mercados mundiais – e na velocidade que esses mercados requerem.

O mundo consome em média 58 kg/per capita de papel por ano. O Brasil, País produtor de celulose e papel, tem consumo médio de 47 kg. Muito abaixo estão grandes potências, como China e Índia. Falta muito para essa indústria conseguir atender a todo o seu potencial globalmente.

Dessa forma, em médio e longo prazos, vejo o Brasil com grandes oportunidades, pois a ciência é uma trilha inesgotável, aproveitando não só esse mercado, mas todos os outros caminhos. São mais de 5 mil usos com as novas tecnologias. Não estamos nem no começo. Para auxiliar nossa indústria, precisamos superar nossas deficiências competitivas, que são infraestrutura, custo de produção e reforma trabalhista, entre outras.

Temos a ciência, o plantio favorecido e o manejo com enormes investimentos. Claro que a competição vai levar os demais a buscar novas estratégias, mas o céu é o limite quando se fala nessa corrida da migração de uso de produtos de base fóssil para uma indústria de baixo carbono. O que essa indústria tem é a consciência de que está no lugar certo, com o investimento certo e com um produto que vai ser o mais demandado no mundo.

O Brasil tem a missão de plantar 17 milhões de hectares até 2030. São 12 milhões de hectares de floresta e outros 5 milhões na integração lavoura-pecuária. Aonde vamos com tanta madeira? Dados da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) apontam que, para cumprir a meta brasileira, serão necessários R\$ 50 bilhões em Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), de R\$ 30 a 50 bilhões em restauração e de R\$ 119 bilhões em plantações florestais. Há espaço para novas fábricas com crescimento expressivo para a construção civil. Além do mais, o País vê com bons olhos a energia de biomassa, a mais sustentável dentre as existentes e que pode ser fornecida continuamente. É uma promessa para o mercado.

Nesse sentido, o mundo precisará ainda mais de novas plantações – e é aí que passamos pela questão das florestas naturais. Rapidamente será necessário dar uso econômico às florestas naturais para suprir as necessidades do planeta. Não há como manter as florestas naturais apenas na paisagem; é preciso criar modelos corretos de manejo florestal dentro das florestas nativas, que poderão oferecer inumeráveis usos. Isso seria uma solução imediata para milhões de seres humanos. Na Amazônia consta que vivem 20 milhões de pessoas, que poderiam, de maneira sustentável, explorar tal recurso. Estamos muito próximos de entender e criar mecanismos legais e políticas públicas muito responsáveis para o uso dessas florestas naturais, e o setor já contribui com 5,6 milhões de hectares de florestas nativas.

Para as novas gerações, deixo a mensagem de que esse é o setor do qual de aproximar. Suas indústrias incorporam o que há de mais moderno em avanço tecnológico, sendo reconhecidas como inovadoras e desbravadoras de mercados, referência no mundo todo e com atuação sustentável. A indústria de árvores plantadas é a indústria do futuro. ■

**Nota:** nesta edição, excepcionalmente, não será publicada a coluna IBÁ, devido à entrevista com a colunista Elizabeth de Carvalhaes. Em outubro, a coluna IBÁ retornará à revista O Papel.